

O Restolho

META-NÓIA

Depois, decidi resolutamente fazer uma Introdução à Filosofia, uma obra de referência para o público especializado e leigo, depois de fazer uma Introdução à Antropologia. Podia bem ser que me convidassem para professor, no ISCTE, na Nova, na Clássica ou na Católica, depois lembrei-me que tinha fobia dos lugares, o que quer que isso seja e tinha vocação para secretário, tanto num clube quanto numa universidade, como aquele que me passou a certidão do Ano O do Curso Teológico. Podia dar aulas nos secundários de várias disciplinas, mas decidi parar por um tempo, respirar, fumar menos e apanhar sol em Carcavelos, gozar um pouco a vida e a folga que ela ainda me vai dando. Só por isso, é bom viver em Portugal, ainda que tenha pressa de fazer muita coisa, que já tenha feito, que volte a fazer, é assim de aldeão a minha mente, no terceiro planeta, na aldeia global.

Sim, falo de mim, porque passo fome e não vejo justiça alguma na minha condição, que de resto não é assim tão má. Será crime fazer filosofia? Onde está a liberdade de pensamento, o livre-arbítrio? Se a imprensa e a TV tem liberdade também eu tenho, por consequência, liberdade de opinião, quer seja a meu respeito, quer seja acerca dos outros e do mundo em redor. E o meu mundo? Não tenho direito a ele? Alguém me disse um dia, ou simplesmente vi num livro, que há três tipos de pessoas, as que se ocupam das ideias, aquelas que se ocupam das pessoas e aquelas que se ocupam das coisas... pois bem, o antropólogo ocupa-se dos três objectos, daí se vê a sua potência, tanto simbólica quanto efectiva. Eu, pelo menos, vejo as coisas assim...

“Antropologia? -disse a médica. Não consulto antropólogos! Sabem demais!” Santa Sapiência... fiquei indignado com a minha condição, queria dar aulas de antropologia ou de filosofia e parecia que ninguém me compreendia, era o espírito alegre e convicto, multifacetado, mas

passava-me à frente e troçavam de mim. Então, punha-me calmo, em casa, tentando não fumar, em casa, esboçando argumentos, duvidando de quem só pensa por ideias, apesar de tudo eu tinha algumas provas acerca da injustiça que havia sido alvo na procura ao trabalho. Em Lisboa, isso pode acontecer? É corrupção, a liberalidade do antropólogo? Não haverá lugar para uma Antropologia Moral, quando a Filosofia Moral tace e acaba por ficar cega?

Certos filósofos não querem mudar o mundo, olham para ele como quem olha para a água, abrindo uma porta, sem referência a lugar, pessoa, tempo. Porquê esta aversão à concreção? Acabam drogados pelos autores, desconfiando se serão capazes de os igualar, de os combater, pois um autor (touro?) precisa de ser desafiado para sentir pica, para ter um ponto (de vista), nem que seja tão imediatamente um ponto de vista...

Entretanto, depois de Rafa, João Mário rescinde, ou prescinde, de mais trabalho na seleção, não sei, há tantos jogadores que estão homogeneizados em fazer boa figura em 2014 quanto há um rol bastante significativo daqueles que são candidatos aos vários lugares, depois da Era Cristiano Ronaldo, que se desviou de um míssil americano durante o pequeno almoço e referiu os milhões das arábias..

Por mais força que tenham as palavras, em termos mais ou menos revolucionários, é a concreção (o termo é de João Nabais) que nos salva, senão bastaria beber água (da fonte...), ou seja, enquanto uns investem na animalidade e nos sentidos, outros ficam fatalmente vegetando, ou seja, comendo cereais e legumes, enquanto Halland vai metendo golos à força toda...

Victor Mota